

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico

How to work the notion of time in History with elementary students

Comment travailler la notion de temps dans l'histoire avec les élèves du primaire

Cómo trabajar la noción de tiempo en Historia con alumnos de la enseñanza básica

Helena Isabel Almeida Vieira

Centro de Investigação Transdisciplinar «Espaço, Cultura e Memória» (CITCEM)
vieira.helenaisabel@gmail.com

Resumo: A noção de tempo é uma das mais abstratas e de mais difícil compreensão pelos alunos no ensino básico, mas também é uma das mais necessárias para a aprendizagem da História, dos acontecimentos históricos, da sua localização e ordenação, assim como para a compreensão das relações que se estabelecem entre eles. Este trabalho apresenta um estudo de caso realizado durante o primeiro período do ano letivo de 2017/2018, com duas turmas do 8º ano do 3º ciclo do ensino básico, no qual foram aplicados jogos didáticos e aplicações móveis para desenvolver a noção de tempo dos alunos e melhorar o seu desempenho em exercícios específicos de ordenação temporal no âmbito do estudo da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI.

Palavras-chave: Noção de Tempo, Ensino da História, Jogos Didáticos.

Abstract: The notion of time is one of the most abstract and difficult to understand by students in elementary education, but it is also one of the most necessary for the learning of History, historical events, their location and ordering, as well as for understanding of the relations established between them. This paper presents a study case carried out during the first period of the 2017/2018 school year, with two classes from the 8th grade of the 3rd cycle of basic education, in which didactic games and mobile applications were applied to develop students' notion of time and to improve their performance in specific exercises of temporal ordering in the scope of the study of portuguese expansion in the fifteenth and sixteenth centuries.

Key words: Notion of Time, History Teaching, Didactic Games.

Résumé: La notion de temps est l'une des plus abstraites et difficiles à comprendre pour les élèves de l'enseignement primaire, mais aussi l'une des plus nécessaires à l'apprentissage de l'histoire, des événements historiques, de leur localisation et de leur compréhension. des relations établies entre eux. Cet article présente une étude de cas réalisée durant la première période de l'année scolaire 2017/2018, avec deux classes de la 8ème année du 3ème cycle de l'éducation de base, dans laquelle des jeux didactiques et des applications mobiles ont été utilisés pour développer la notion de temps et d'améliorer sa performance dans des exercices spécifiques d'ordre temporel dans le cadre de l'étude de l'expansion portugaise aux XVe et XVIe siècles.

Mots Clés: Notion de Temps, Enseignement de l'Histoire, Jeux Didactiques.

Resumen: La noción de tiempo es una de las más abstractas y de más difícil comprensión por los alumnos en la enseñanza básica, pero también es una de las más necesarias para el aprendizaje de la historia, los acontecimientos históricos, su ubicación y ordenación, así como para la comprensión de las relaciones que se establecen entre ellos. Este trabajo presenta un estudio de caso realizado durante el primer período del año escolar de 2017/2018, con dos clases del 8º año del 3º ciclo de la enseñanza básica, en el cual se aplicaron juegos didáticos y aplicaciones móviles para desarrollar la noción de tiempo de los alumnos y mejorar su rendimiento en ejercicios específicos ordenación temporal en el estudio de la expansión portuguesa en los siglos XV y XVI.

Palabras clave: Noción de Tiempo, Enseñanza de la Historia, Juegos Didácticos.

1. Introdução

A noção de tempo está para a História como os algarismos estão para a Matemática ou como o alfabeto está para a aprendizagem das línguas. Porém, a noção de tempo histórico não pode ser apenas entendida na sua dimensão cronológica de mera sucessão de datas e acontecimentos. Em sala de aula, o objetivo não é só saber quando algo aconteceu, mas entender por que motivo tal aconteceu em determinada época e como chegou até nós, ou seja, não se pretende que os alunos saibam apenas identificar quando se deu determinado acontecimento, mas compreender as relações de causa-efeito que o enquadram.

Em História, o tempo é um conceito meta-histórico, que alicerça a disciplina e dá sentido ao passado (Chaves et al., 2016: 310). No entanto, este encerra um elevado nível de abstração e complexidade devido à existência de diferentes temporalidades (tempo curto, médio e longo) que, por vezes, provoca a apreensão dos alunos, gerando dificuldades de aprendizagem em alguns casos e noutros desmotivação para a disciplina. Segundo Andrea Rahmeier é muito comum que os alunos não consigam compreender que existem diferentes temporalidades, mas esta autora relembra que quando tal acontece é preciso propor aos alunos um trabalho mais focado para ampliar a noção tempo, dada a sua importância para o desenvolvimento de noções de simultaneidade, sucessão, permanências e mudanças (Rahmeier, 2016: 89-90)

Por outro lado, apesar de parecer objetiva e concreta, a noção de tempo é dotada de uma grande subjetividade, pois cada pessoa compreende o tempo de uma forma diferente (Rahmeier, 2016: 89). Os 50 minutos de uma aula para uns alunos podem parecer uns segundos, enquanto para outros podem parecer uma eternidade, dependendo do interesse de cada um nos temas em estudo e nas atividades desenvolvidas.

Em História, a noção de tempo é importante para que os alunos entendam por que motivo algumas coisas permanecem no tempo; por que motivo outras se transformam; e por que motivo algumas se transformam mais lentamente ou mais rapidamente que outras. A noção da sucessão do tempo, das eras e das épocas históricas, também é importante para dar sentido aos factos, ao ajudar os alunos a entender em que contexto se deu determinado acontecimento, o que o despoletou e o que ele provocou; o

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

que acontecia noutras partes do mundo enquanto decorria esse acontecimento; e a compreender as relações que se podem estabelecer entre diversos acontecimentos.

No entanto, apesar da importância da noção de tempo, este é um conceito demasiado complexo para uma grande generalidade dos alunos do ensino básico. A localização e ordenação temporal de acontecimentos históricos são duas competências essenciais na aprendizagem da História, mas também são das mais abstratas e de difícil compreensão pelos alunos, que, por vezes, vivem “atormentados” com a ideia errada de que precisam de decorar datas para resolver os exercícios específicos de localização e ordenação temporal que são propostos nos manuais escolares, ou os que são apresentados pelos professores nas fichas de avaliação, ou ainda os que surgem em provas de aferição, testes intermédios ou exames nacionais de História.

A ideia errada dos alunos de que “estudar História é decorar datas” é um problema antigo e que ainda se reflete nos dias de hoje, constituindo um dos principais fatores de desmotivação dos alunos para a aprendizagem da História.

No sentido de desmistificar esta ideia junto dos alunos, procuramos desenvolver uma estratégia motivadora que acabasse com esta ideia errada e melhorasse o seu desempenho na realização de exercícios específicos de localização e ordenação temporal em História.

No início do ano letivo de 2017/2018, na sequência da realização de um teste diagnóstico a duas turmas do 8º ano de uma Escola Básica e Secundária do concelho da Maia, distrito do Porto, contemplando um exercício específico de ordenação temporal com acontecimentos relativos à História de Portugal, verificamos que nenhum aluno destas turmas foi capaz de o resolver com sucesso total. Mais tarde, aquando da inclusão de um exercício da mesma tipologia na primeira ficha de avaliação do primeiro período sobre acontecimentos marcantes da revolução de 1383-1385, a percentagem de alunos que o resolveu com sucesso foi muito diminuta.

Perante esta realidade, encetamos um estudo para tentar perceber o porquê desta realidade e tentámos delinear uma estratégia motivadora e eficaz para os alunos melhorarem o seu desempenho, pois acreditamos nas palavras de Glória Solé quando esta afirma que:

“A aquisição e desenvolvimento do conceito de tempo e a compreensão histórica desenvolve-se gradualmente e pode ser encorajada através de estratégias e metodologias específicas associadas

ao ensino da História” (Solé, 2015: 173)

Num primeiro momento, em diálogo direto com os alunos e a partir da autoavaliação feita pelos mesmos no final da primeira ficha de avaliação, percebemos que estes tinham muita dificuldade na localização e ordenação temporal de acontecimentos e factos históricos essencialmente devido a uma ideia pré-concebida de que para realizarem este tipo de exercícios teriam de decorar muitas datas, tarefa que para eles era quase impossível. No sentido de desmontar esta ideia, planeámos e aplicámos um conjunto de atividades, recorrendo à utilização de jogos didáticos e aplicações móveis, que considerámos serem motivadores e eficazes para desenvolver a capacidade de localização e ordenação temporal dos alunos em História.

2. Metodologia

Este estudo, conforme foi referido anteriormente, partiu da identificação de um problema real em contexto de ensino aprendizagem que nos fez questionar: Como se pode desenvolver com os alunos a noção de tempo em História de uma forma eficaz e motivadora?

Na didática da História existem diferentes estratégias e recursos que podem ser adotados para motivar os alunos, tais como a visualização de filmes, a audição de músicas, a exploração de bandas desenhadas, a realização de dramatizações, o recurso às novas tecnologias da informação e comunicação ou a realização de visitas de estudo. Para o fim a que nos propúnhamos, optámos pela utilização, em contexto de sala de aula, de aplicações móveis e de jogos didáticos.

Depois de determinada a questão de partida para este estudo estabelecemos como principais objetivos:

- a) Utilizar aplicações móveis em contexto de sala de aula para desenvolver a noção de tempo em História;
- b) Construir e aplicar dois tipos de jogos, um tradicional de cartas e um jogo digital, para desenvolver a localização e ordenação temporal dos alunos em História;
- c) Verificar a eficácia do uso de jogos e aplicações móveis no ensino da História, especialmente no desenvolvimento da localização e ordenação temporal de acontecimentos históricos.

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

Para concretizar estes objetivos, realizámos um estudo de caso envolvendo duas turmas do 8º ano do terceiro ciclo do ensino básico, durante o primeiro período do ano letivo de 2017/2018, numa Escola Básica e Secundária do concelho da Maia, distrito do Porto. A turma 1 era constituída por 26 alunos, 17 raparigas e 9 rapazes, com uma média etária de 13 anos e idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, incluindo dois alunos com uma retenção. A turma 2 era constituída por 21 alunos, 8 raparigas e 13 rapazes, incluindo dois alunos com necessidades educativas especiais, com uma média etária de 13 anos e idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, incluindo 2 alunos com uma retenção e 3 alunos com mais de uma retenção.

Antes de iniciar este estudo de caso, começámos por fazer uma breve revisão da literatura sobre a importância da noção de tempo para a disciplina de História e sobre estratégias eficazes para a desenvolver em contexto de sala de aula. De seguida, planificámos duas aulas em que utilizaríamos aplicações móveis e jogos didáticos com o intuito de melhorar a noção de tempo dos alunos, especialmente no contexto específico da aprendizagem do tema da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI. A avaliação da eficácia da estratégia desenvolvida foi feita a partir da observação direta do funcionamento das aulas e do desempenho dos alunos, numa primeira fase, pela avaliação dos trabalhos realizados pelos alunos ao longo das aulas e, numa segunda fase, pela avaliação dos resultados dos alunos na realização de um exercício específico de ordenação temporal aplicado na segunda ficha de avaliação.

3. A noção de tempo em História

A palavra tempo é notoriamente polissémica e evolutiva (Scaldeferri, 2008: 54). Esta contém diferentes aceções consoante o contexto em que é empregue e consoante a corrente histórico-filosófica que o percebe.

Na conceção positivista, o historiador, na tentativa de narrar os acontecimentos tal como eles aconteceram, procura manter uma neutralidade na qual o tempo é uma variável obrigatória do pensamento histórico, sendo entendido como homogéneo, linear, contínuo e progressivo (Nascimento, 2012: 28-29). Na conceção Marxista surge um tempo dividido, no qual as explicações históricas são articuladas, mantendo-se forte a visão evolutiva da História (Nascimento, 2012: 33).

Em contrapartida, na conceção dos Annales, surge um tempo plural, múltiplo e

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

descontínuo, pelo que recusa a hipótese de um tempo linear, objetivo e global. Esta conceção reconhece que o tempo pode ser objetivo, mas não progressivo nem cumulativo (Nascimento, 2012: 36). Já para Braudel existem diferentes tipos de temporalidade: o tempo curto dos acontecimentos; o tempo médio das conjunturas e o tempo longo das estruturas.

Nos últimos dez anos, alguns autores têm-se debruçado sobre a questão do ensino da noção de tempo no âmbito da educação histórica, sendo que todos confluem na mesma ideia de que esta noção é da mais abstratas e das mais difíceis de trabalhar em História.

“É consensual pelos investigadores em Educação Histórica que a compreensão do tempo é crucial para a compreensão histórica [...] o tempo é um conceito complexo que abrange uma diversidade de concepções e formas. É uma construção do Homem para se situar no mundo e ajudar a estruturar-se e a viver em sociedade” (Solé, 2015: 147)

A aprendizagem da noção de tempo não é fácil para os alunos (Solé, 2015: 147), pois existem diferentes tipos de tempo: o tempo pessoal, o tempo físico, o tempo social, o tempo psicológico, o tempo geológico, o tempo astronómico e o tempo histórico, sendo que este último implica a representação de uma pessoa, lugar, objeto ou acontecimento no tempo e está diretamente relacionado com três áreas conceptuais: a cronologia; a duração e a passagem do tempo; e a contagem e medição do tempo (Solé, 2015: 148).

A noção de tempo é intrínseca no processo do raciocínio representacional e é essencial à análise da realidade histórica, uma vez que permite ao sujeito organizar o seu pensamento num todo simultaneamente coerente e contínuo, mas também reversível. Para Glória Solé (2015: 147) o tempo é uma componente importante para a compreensão histórica, mas complexa pois exige o domínio da matemática, da lógica e da linguística. Para esta autora, além destes domínios, o entendimento do tempo histórico exige um outro conjunto de pré-requisitos, nomeadamente:

- a compreensão do tempo relógio – que implica a utilização de um sistema numérico que apresenta unidades de tempo num relógio;
- a compreensão do tempo calendário – que implica a utilização de linguagem de tempo, usando expressões como dias, semanas, meses e anos;
- a compreensão do tempo cronológico – que implica a associação de datas a

acontecimentos.

Piaget também estudou a noção de tempo na criança (Piaget, 2002) e, em 1933, em Haia, na Conferência Internacional para o Ensino da História concluiu que o tempo acompanha as estruturas do conhecimento, mas também é relativo, uma vez que é marcado pelas características e interesses próprios das crianças, assim como pelo momento de desenvolvimento em que se encontram (Borges, 2009: 5). Para Piaget, no estágio sensorio motor, a criança desconhece a noção de tempo, pelo que para ela não existe representação do passado, nem do futuro. A sequência temporal apenas é percebida pelo que vem antes e depois. No estágio seguinte, caracterizado por ser uma fase mais simbólica, a centração da criança em si própria é tanta que ela ainda não é capaz de desenvolver a reversibilidade. A reversibilidade do pensamento só surge na fase operatória, quando a criança desenvolve a capacidade de descentração. A partir daqui, segundo Piaget, já é possível desenvolver duas operações específicas relacionadas com o tempo:

- a ordem dos acontecimentos, que permite compreender a sua sucessão ao perceber que depois de A vem B e depois de B vem C.

- a duração dos acontecimentos, que permite compreender os intervalos entre eles e perceber o tempo decorrido entre A e B.

A ordem/sucessão dos acontecimentos e os ritmos de duração temporal permitem identificar a velocidade das mudanças ocorridas e podem ser entendidas como breves, conjunturais ou estruturais (Ferreira, 2005: 4). Por outro lado, compreender a noção de tempo linear possibilita a preparação para que os alunos deixem de perceber a História como “momentos de relatos de factos isolados” (Rahmeier, 2016: 89) dando-lhes uma base conceptual para que possam abordar as conjunturas ou estruturas históricas, ampliando assim a sua noção de tempo.

4. Como desenvolver a noção de tempo em História

A localização de acontecimentos no tempo (o desenvolvimento concreto da operação da ordem e da sucessão dos acontecimentos apresentado por Piaget), é uma das competências mais abstratas no ensino da História e que mais dificuldades coloca aos alunos. Para desenvolver com eles esta competência é necessário que, em contexto de sala de aula, o professor providencie e explore um conjunto de recursos que lhes

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

permita estabelecer uma lógica entre os acontecimentos históricos, para que dessa forma eles possam avançar depois para a compreensão e explicação da realidade.

Segundo Bianca Bibiano (2010), para que os alunos possam compreender os factos históricos é necessário desenvolver o tempo cronológico e explicar as implicações da passagem dos anos, das décadas, dos séculos e dos milénios. No sentido de desenvolver essas aprendizagens e ampliar a noção de anterioridade e posterioridade, de maneira a que os alunos reconheçam a História como um processo, os professores podem desenvolver, em contexto de sala de aula, três situações de aprendizagem em torno dos conteúdos históricos:

- primeira, a leitura de mapas históricos – no sentido de os alunos perceberem como os aspetos geográficos, locais e globais, são modificados ao longo do tempo. O uso de mapas de diferentes períodos e a sua comparação ajudam os alunos a compreender os conceitos de mudança e permanência. Neste tipo de situação de aprendizagem, “não se trata apenas de visualizar um mapa antigo, mas colocá-lo também ao lado de outros, considerando o contexto histórico de cada momento” (Baratz, citado por Bibiano, 2010), sendo importante estudar o contexto em que os mapas foram construídos;

- segunda, a análise e construção de frisos cronológicos – no sentido de os alunos construírem noções temporais básicas para se localizarem num determinado período histórico. Os frisos cronológicos são, igualmente, “um recurso útil para analisar como os factos estudados estão localizados no contexto de uma época e para perceber e avaliar quais outros eventos ocorriam simultaneamente” (Bergamaschi, citada por Bibiano, 2010);

- terceira, a identificação de marcadores temporais – no sentido de os alunos, a partir da leitura e análise de textos históricos, observarem como o tempo é organizado e expresso. Nesta situação é preciso salientar que o objetivo não é apenas destacar datas específicas, mas identificar também expressões temporais significativas como “depois de”, que indica uma sucessão de factos, “enquanto”, que aponta a duração ou a sincronia entre os acontecimentos, e “ao mesmo tempo que”, que destaca a sincronia e simultaneidade. No entanto, é necessário ter em consideração que apesar de inicialmente ser importante que os alunos atentem nestes marcadores, “ao longo do estudo dos conteúdos, os marcadores podem ser retomados com perguntas mais amplas,

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

que exijam que a turma interprete o texto e relacione-o com fatos revelados em outros materiais” (Baratz, citado por Bibiano, 2010). Para tal, no decorrer deste tipo de atividades, o professor pode colocar questões que estimulem a reflexão, tais como “Quando, ou, em que momento se deu este acontecimento?” e “Existe alguma relação entre os factos/acontecimentos citados? Qual?”

Por outro lado, o conceito de tempo também pode ser trabalhado em contexto de sala de aula através das narrativas históricas, podendo o tempo constituir-se como uma ponte para a compreensão do que se tem hoje que não se tinha no passado e do que se tinha no passado e já não existe hoje (Chaves *et al.*, 2016: 310). Não obstante, o professor deverá levar os alunos a ver o tempo não como uma dicotomia presente-passado, mas antes como um conjunto de permanências e mudanças que ocorrem no decorrer dos períodos históricos (Chaves *et al.*, 2016: 310) daí a importância da localização e ordenação temporal dos acontecimentos em História.

5. Desenvolver a noção de tempo através de jogos e aplicações móveis

O estudo de caso que serviu de base a este trabalho começou depois da realização da primeira ficha de avaliação do primeiro período do ano letivo de 2017/2018, com um breve diálogo com os alunos no sentido de perceber por que motivo falhavam tanto nos exercícios de localização e ordenação temporal. Em ambas as turmas, a resposta coletiva foi praticamente unânime – a elevada dificuldade em decorar as datas dos acontecimentos. Seguidamente, explicámos aos alunos que iríamos desenvolver uma abordagem diferente para ajudá-los a compreender melhor a noção de tempo e a sua importância em História, para que pudessem responder com um maior sucesso àquele tipo de exercícios. Explicámos igualmente que essa abordagem passaria por utilizar aplicações móveis, construir jogos e jogá-los em contexto de sala de aula. Esta informação foi muito bem-recebida pelos alunos, funcionando esta primeira abordagem como uma motivação para as aulas seguintes.

Perante esta realidade, planificámos duas aulas com diversas atividades em que, recorrendo a jogos e aplicações móveis, os alunos pudessem desenvolver competências de localização e ordenação temporal. Optámos por planificar e realizar duas aulas de síntese e de revisão, que se realizaram antes da segunda ficha de avaliação do primeiro período, centrando-se as mesmas nos conteúdos da unidade – O Expansionismo

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

Europeu nos séculos XV e XVI.

5.1 Planificação das aulas

As duas aulas que serviram de base a este estudo de caso estruturaram-se em torno de seis atividades. Seguindo a proposta de Baratz e de Bibiano, a primeira aula iniciou-se com a análise de três mapas do império português – um referente aos finais do século XV; outro referente a inícios do século XVI e o último de meados do século XVI, com o intuito de os alunos percecionarem a evolução do império português no espaço ao longo do tempo como um processo contínuo.

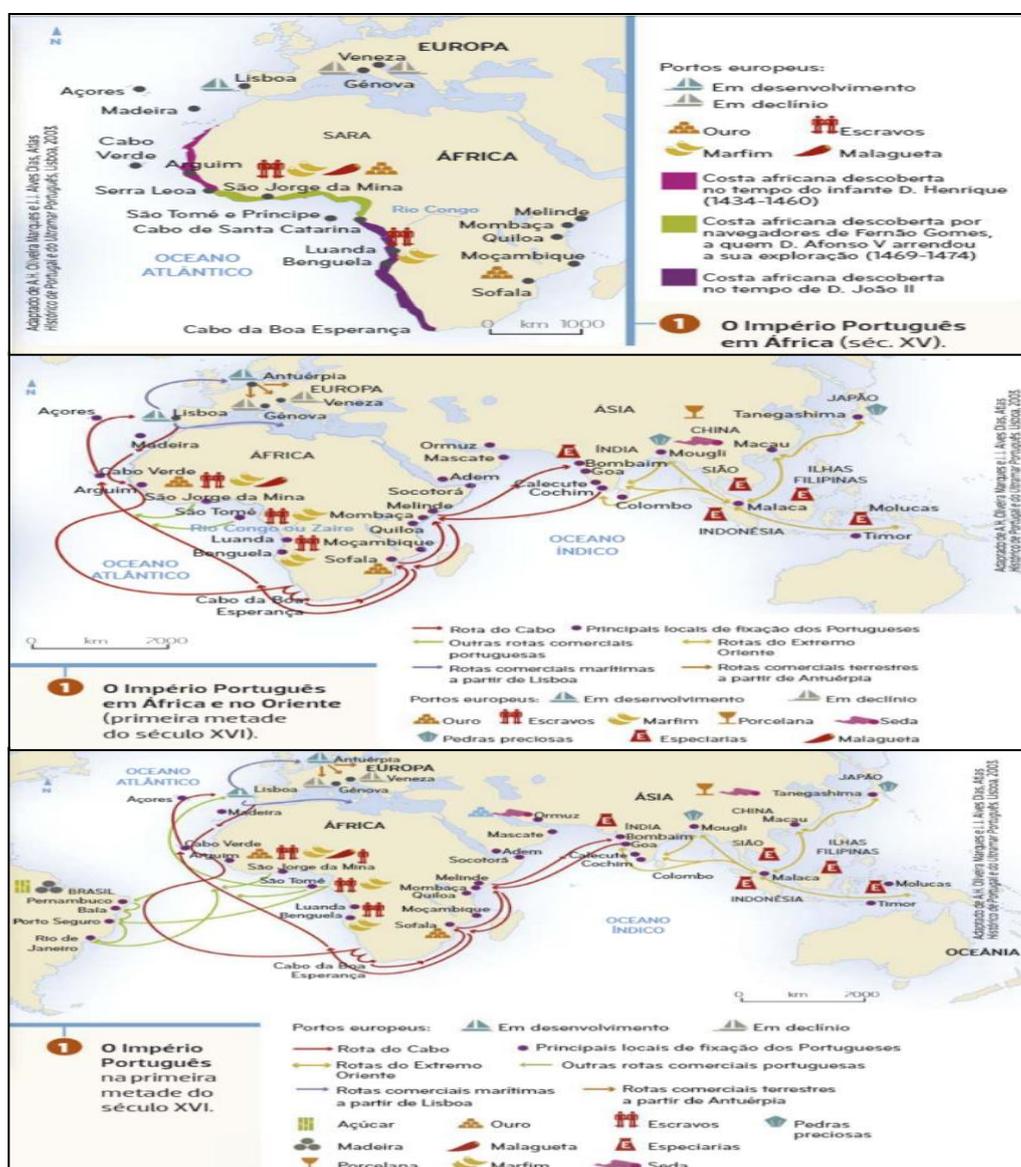


Figura 1 – Mapas utilizados na primeira atividade

Fonte: *O Fio da História 8* – Texto Editora, 2017

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

Seguindo depois as propostas de Bergamaschi e Bibiano, a segunda atividade realizada nesta aula, em trabalho de grupo, consistiu na construção de uma cronologia dos principais acontecimentos que marcaram a expansão portuguesa nos séculos XV e XVI, entre 1415 e 1548, tendo por base o caderno diário e o manual adoptado. De seguida, os alunos, com recursos aos seus dispositivos móveis e à aplicação *RWT Timeline*, deveriam construir um friso cronológico onde incluisse os acontecimentos constantes na sua cronologia, devendo a mesma ser enviada, através da aplicação, para a docente da disciplina, a fim de ser avaliada. Os alunos foram igualmente informados que deveriam proceder à apresentação da mesma no início da aula seguinte aos restantes colegas da turma.

No final da primeira aula, recorrendo novamente aos dispositivos móveis dos alunos, jogou-se, através da aplicação do *Kahoot*, o jogo *Jumble*, um jogo de competição e de ordenação de acontecimentos construído pela docente das turmas.



Figura 2 – Desafio do jogo *Jumble* criado para este estudo de caso

A quarta atividade foi realizada em ambiente extra-aula, de forma autónoma pelos alunos e consistiu na construção de um jogo de cartas, que se chamaria “O Tempo da Expansão”. Para que os alunos pudessem proceder a esta atividade, foi-lhes fornecido um guião muito específico, com instruções claras e diretivas sobre como proceder à sua construção e montagem.

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

A segunda aula iniciou-se com a apresentação e exploração dos frisos cronológicos construídos pelos alunos na aula anterior, tendo esta apresentação dois intuitos: o desenvolvimento de competências de análise e comunicação em História a partir de frisos cronológicos e rever os principais conteúdos aprendidos nas aulas anteriores, esclarecendo eventuais dúvidas que os alunos ainda pudessem ter.

No seguimento desta atividade, os alunos, novamente em grupo, puderam jogar o jogo que tinham construído em casa.



Figura 3 – Exemplo de cartas construídas pelos alunos da turma 2

Estas atividades foram realizadas em trabalho de grupos de 4 e/ou 5 alunos e a sua avaliação foi feita através da observação direta do empenho e desempenho dos alunos nas várias atividades, assim como a qualidade dos trabalhos apresentados – o friso cronológico, as respostas ao jogo *Jumble* e o jogo “O Tempo da Expansão”.

5.2 Análise dos resultados

Na primeira aula deste estudo de caso, depois de observarem a construção e a evolução do império português a longo do tempo através de três mapas históricos, os alunos construíram um friso cronológico recorrendo a uma aplicação móvel – *RWT*

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

Timeline. Nesta atividade, realizada em grupo, os alunos tiveram de construir nos seus *smartphones* um friso cronológico onde incluíssem os principais acontecimentos que tinham destacado na cronologia que já tinham criado anteriormente. Esta atividade começou por suscitar algumas dúvidas, pois os alunos de ambas as turmas nunca tinham utilizado esta aplicação. Não obstante, como esta é bastante simples e intuitiva, após a explicação inicial da docente sobre o seu funcionamento e o acompanhamento contínuo da mesma para os ajudar na realização da tarefa, todos os grupos conseguiram concluir a tarefa e enviar o trabalho final para a docente no tempo proposto (25 minutos).

Ao longo desta atividade foi possível verificar que a maioria dos alunos nunca tinha construído um friso cronológico e não tinha noção sobre como situar corretamente os acontecimentos na linha do tempo cronológico, colocando-os uns a seguir aos outros sem atender ao tempo decorrido entre eles.

Neste contexto, o auxílio da docente ao longo da atividade também foi dirigido para a explicação da importância de situar corretamente os acontecimentos no friso. Desta forma, através desta atividade prática, perante o erro e a sua correção imediata, os alunos começaram a perceber melhor a noção de tempo, a localização temporal de acontecimentos e a existência de intervalos temporais entre eles, uns mais longos e outros mais curtos, tendo daí resultado a construção de frisos mais corretos e mais interessantes.

No seguimento desta atividade, os alunos jogaram *Jumble*, um jogo de ordenação integrado na aplicação *Kahoot*. Este foi construído pela docente da disciplina e era constituído por 6 questões todas com o mesmo objetivo: ordenar quatro acontecimentos marcantes da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI.

Na turma 1, o jogo decorreu com normalidade. A partir da observação direta da mesma verificou-se que muitos alunos tiveram dificuldade em ordenar os itens, sendo que muitos, nitidamente, responderam já no final do tempo sem confiança. A motivação destes alunos foi claramente inferior à dos alunos que conseguiram responder prontamente aos desafios e que disputaram os primeiros lugares no jogo.

Na turma 2, devido à fraca rede de internet, o jogo teve alguns problemas técnicos. Alguns alunos, que não tinham dados móveis próprios, perderam a sua ligação durante o jogo e não puderam regressar ao mesmo, motivo pelo qual ficaram bastante desmotivados. Não obstante, esta turma, de um modo geral mostrou-se muito mais

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

confiante na realização dos desafios do jogo, demonstrando maior segurança na ordenação temporal dos acontecimentos.

No final da primeira aula, propôs-se aos alunos que construíssem, em grupo, um jogo de cartas, intitulado “O Tempo da Expansão”, mediante um guião previamente preparado pela docente da disciplina. Neste jogo, cada carta deveria ter de um lado um acontecimento marcante da expansão portuguesa, preferencialmente os que os alunos haviam colocado na cronologia e no friso cronológico que tinham construído anteriormente, com uma imagem com ele relacionada em tons de cinza ou em marca de água. Já no verso da carta, deveriam colocar o mesmo acontecimento, mas com a respetiva data e com a mesma imagem na sua tonalidade real. A par destas instruções, foram dadas indicações específicas sobre como fazer esta construção utilizando o software *Microsoft Word*, aquele que estava acessível à totalidade dos alunos, quer em casa, quer nos computadores da escola.

No início da segunda aula verificou-se que na turma 1, dos 6 grupos formados, apenas 3 construíram o jogo. Por este motivo, os alunos dos grupos que não o fizeram foram distribuídos pelos grupos que construíram o jogo. Já na turma 2, todos os 5 grupos formados construíram o jogo. Os alunos desta turma chegaram à aula já automotivados e ansiosos para saber as regras do jogo e jogarem-no na aula.

Depois da docente apresentar as regras do jogo, os alunos começaram de imediato a jogá-lo e mostraram-se muito empenhados na atividade, de tal forma que depois de todos os grupos o finalizarem, pediram à docente para jogar novamente, motivo pelo qual se realizou, nessa aula, uma segunda partida.



Figura 4 – Alunos da turma 2 a jogar “O Tempo da Expansão”

A primeira avaliação realizou-se ainda durante as aulas que constituíram este estudo de caso. Esta foi feita a partir da observação direta do comportamento, do empenho e do desempenho dos alunos nas várias atividades. A partir desta foi possível concluir que a maior parte dos alunos gostou das atividades desenvolvidas nas aulas, tendo revelado mais motivação e empenho durante a realização dos jogos, confirmando-se, assim, a hipótese de que estes são um bom instrumento não só para motivar os alunos para as aprendizagens, mas também para consolidar conhecimentos já adquiridos.

Porém, para aferir se os jogos e as aplicações móveis utilizadas foram eficazes na consolidação de conhecimentos e da noção de tempo, na segunda ficha de avaliação inseriu-se, novamente, um exercício de ordenação temporal. Os resultados foram substancialmente melhores em ambas as turmas, conforme se pode verificar no gráfico que se segue:

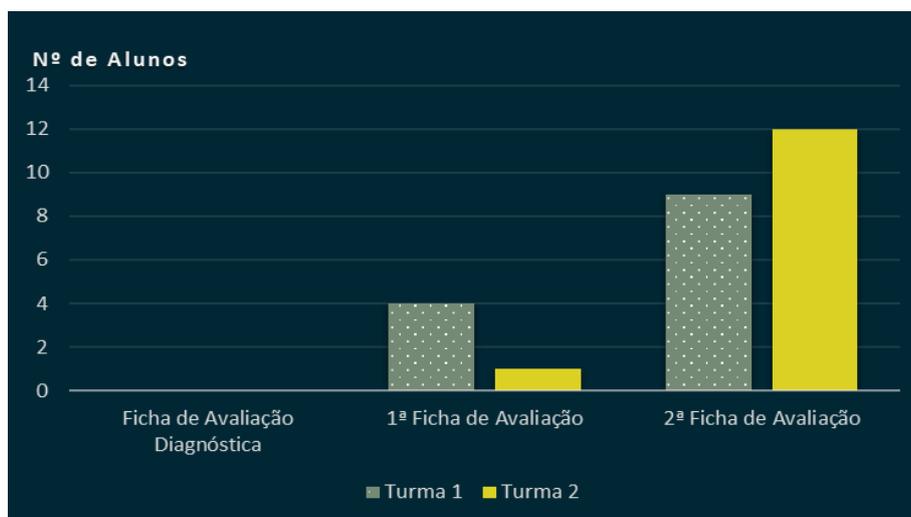


Gráfico 1. Número de alunos que resolveram com sucesso os exercícios de ordenação temporal propostos

Conforme se pode constatar a partir do gráfico anterior, e conforme já tinha sido referido anteriormente, na ficha de avaliação diagnóstica aplicada a ambas as turmas no início do ano letivo, nenhum aluno resolveu com sucesso o exercício de ordenação temporal proposto, salientando-se que na turma 1, em 26 alunos, 14 (54%) não responderam ao exercício, e na turma 2, em 21 alunos, 5 (24%) também não responderam ao exercício. Mais tarde, na primeira ficha de avaliação, na turma 1,

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

apenas 4 alunos (16%) resolveram com sucesso este exercício, sendo que 10 alunos (38%) da turma não o realizaram. Já na turma 2, na primeira ficha de avaliação, apenas 1 aluno (5%) resolveu com sucesso este exercício, sendo que 3 alunos (14%) não o realizaram.

Na segunda ficha de avaliação, realizada após as duas aulas de consolidação de conhecimento recorrendo à utilização de jogos e aplicações móveis, em ambas as turmas verificou-se uma melhoria significativa, o que evidencia que as estratégias desenvolvidas tiveram alguma eficácia. Na turma 1, 9 alunos (35%) resolveram com sucesso este exercício, sendo que dos restantes, 10 (35%) não o realizaram. Já na turma 2, todos os alunos responderam à questão e 12 (57%) resolveram o exercício com sucesso. Nota-se, portanto, que a maior melhoria se deu no desempenho dos alunos da turma 2, correspondendo à turma que revelou mais empenho e interesse na realização dos jogos durante as aulas.

6. Conclusão

Com este estudo de caso foi possível concluir que o desenvolvimento da noção de tempo nas aulas de História e o desenvolvimento da competência mental e abstrata de ordenação temporal de acontecimentos históricos são, de facto, alguns dos aspetos mais difíceis de trabalhar com os alunos em contexto de sala de aula.

Não obstante, este estudo também revelou que é possível, de uma forma diferente e motivadora, trabalhar com os alunos, em contexto de sala de aula, a noção de tempo em História de uma forma eficaz. Neste contexto, utilizámos aplicações móveis e dois jogos didáticos, criados especificamente para este fim.

Para promover o desenvolvimento da noção de tempo e de evolução histórica, a primeira atividade realizada foi a análise de mapas históricos retratando a evolução no tempo e no espaço da construção do império português ultramarino, seguindo assim as diretrizes apontadas por Bibiano (2010), algo que se revelou bastante eficaz. Seguindo a sugestão da mesma autora, os alunos também construíram, em trabalho de grupo, uma cronologia com os principais marcos históricos da época, refletindo-os depois num friso cronológico a partir de uma aplicação e com os seus próprios dispositivos móveis. A aplicação *RWT Timeline* mostrou-se eficaz não só para motivar os alunos, mas sobretudo para criar uma atividade prática, na qual os alunos depois de se depararem

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

com dificuldades, conseguiram ultrapassá-las. De um modo geral, todos os grupos de ambas as turmas aprenderam a construir um friso cronológico corretamente, embora o mais importante tenha sido o facto de eles compreenderem as ideias de linearidade, sequencialidade e duração do tempo em História. Estes frisos cronológicos foram depois apresentados aos restantes colegas/grupos, desenvolvendo ao mesmo tempo competências de comunicação.

Os jogos que se realizaram posteriormente resultaram como momentos de verificação de conhecimentos e, ao mesmo tempo, de avaliação formativa. A sua componente lúdica foi motivadora para os alunos e não os distraiu do seu objetivo principal e, nesse sentido, pode dizer-se que foram bons recursos para o desenvolvimento de localização e ordenação temporal de acontecimentos históricos.

O primeiro jogo – “*Jumble*” – realizou-se em formato de competição, envolvendo todos os alunos, recorrendo aos seus dispositivos móveis, maioritariamente *smartphones*. O segundo – “O Tempo da Expansão” – foi um jogo de cartas proposto pela docente e construído pelos próprios alunos, aspeto que os motivou duplamente. O objetivo de ambos os jogos de consolidação de conhecimentos era o mesmo – ordenar acontecimentos históricos sem recorrer exclusivamente à memorização de datas, mas atendendo à lógica da realidade e da evolução histórica. Por outro lado, depois da aplicação destes dois tipos de jogos em contexto de sala de aula, verificou-se que ambos cumpriram o seu fim, pois permitiram trabalhar e desenvolver com os alunos as noções de tempo histórico, a localização e a ordenação temporal em História. Curiosamente, de todas as atividades realizadas, os alunos mostraram uma maior preferência pelo jogo “O Tempo da Expansão”.

A eficácia da utilização de aplicações móveis e de jogos didáticos para o desenvolvimento da localização e ordenação temporal em História foi não só evidente na observação direta das aulas e no desempenho concreto dos alunos nos jogos, mas também na melhoria significativa dos resultados obtidos pelos alunos na realização do exercício específico de ordenação temporal na segunda ficha de avaliação.

Foi igualmente perceptível que, quer na utilização de aplicações móveis, quer na realização de jogos em contexto de sala de aula, o professor deve ter um papel ativo e assertivo, não deixando os alunos utilizar os dispositivos móveis livremente sem controlo, nem jogar por jogar. O professor deve selecionar as aplicações móveis e os

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

jogos que considera mais pertinentes para os fins didáticos a que se destinam, enquadrá-los com outras atividades de aprendizagem significativas, sempre que possível com fontes históricas, garantindo que as atividades propostas e a ordem na sala de aula são cumpridas. Simultaneamente, deve, sistematicamente, contextualizar os conteúdos abordados, esclarecendo toda e qualquer dúvida dos alunos que possa surgir.

Com este estudo de caso verificamos que com atividades práticas e diferentes, é possível desmistificar a ideia de que a História é uma disciplina que recorre exclusivamente à memorização de acontecimentos. Verificámos igualmente que, com este tipo de atividades, é possível simplificar conceitos complexos e abstratos como a noção de tempo histórico e, ao mesmo tempo, tornar o ensino História mais motivador e até mais eficaz.

Bibliografia:

BIBIANO, Bianca (2010), *Como trabalhar a noção de tempo em História*, [Consulta em 03.03.2018]. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/2370/como-trabalhar-a-nocao-de-tempo-em-historia>.

CHAVES, Margarida; GAGO, Marília; FARINHO, Paula (2017), “O jogo como estratégia no desenvolvimento do conceito de tempo em História”, in Ribeiro, Cláudia *et al.* (coord.) *Epistemologias e Ensino da História*, Porto, CITCEM.

OLIVEIRA, Sandra (2005), “O tempo, a criança e o ensino de História”, in Rossi, Vera Rossi; Zamboni, Ernesta (org.), *Quanto tempo o tempo tem!*, Campinas, Editora Alínea.

PIAGET, Jean (2002), *A noção de tempo na criança*, São Paulo, Record.

SIMAN, Lana (2005), “A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: Desafios para o ensino e aprendizagem”, in Rossi, Vera Rossi; Zamboni, Ernesta (org.), *Quanto tempo o tempo tem!*, Campinas, Editora Alínea.

SCALDAFERRI, Dilma (2008). “Conceção de tempo e ensino da História”, *Revista História & Ensino*, v. 14, pp. 53-70.

NASCIMENTO, Regina (2002), *O Conceito de tempo na formação inicial de professores de História*, Tese de Mestrado em Educação, Florianópolis, UFSC.

RAHMEIER, Andrea (2016) “Tempo histórico – como trabalhá-lo?”, *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, v.4, nº1, pp. 84-92.

BORGES, Thelma (2009), “Desenvolvimento da noção de tempo e ensino de História”,

Helena Isabel Almeida Vieira – Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, nº 1. 180-198. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a10

in *Atas do XXV Simpósio Nacional de História*, ANPUH, Fortaleza.

FERREIRA, Carlos (2005), “Espaço e tempo: implicações no ensino de História”, in *Atas do XXIII Simpósio Nacional de História*, ANPUH, Londrina.

SOLÉ, Glória (2015), “A compreensão do tempo e do tempo histórico pelas crianças: um estudo de caso com alunos portugueses do 1º CEB”, *Revista Diálogos*, v. 19, pp. 143-179.